

BECO da discórdia

TAGUATINGA ONTEM TEVE UM DIA CONTURBADO. POLICIAIS MILITARES, BOMBEIROS E SEUS FAMILIARES PROTESTARAM CONTRA RETIRADA DE CASAS EM LOCAIS IRREGULARES

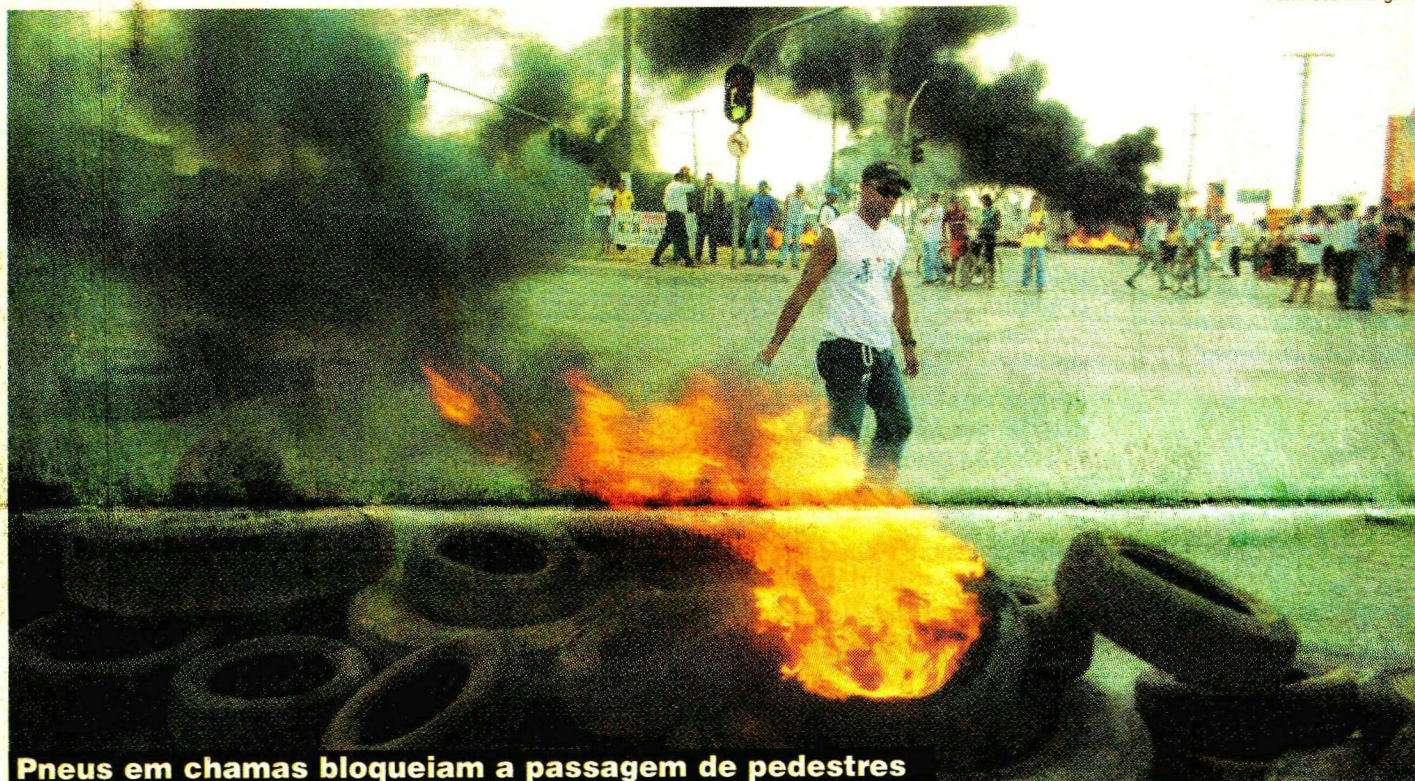
Éderson Marques

A sexta-feira foi marcada, em Taguatinga, pelo caos. De um lado o Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo), a Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap), a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação e as Polícias Civil e Militar tentando desocupar os becos. Do outro, os moradores das QNL, QNJ e "M" Norte enfrentando as marretas, os tratores e os caminhões, que insistiam na derrubada de muros, edificações de alvenaria e barracos já prontos.

Essa operação é bem diferente das outras tantas já realizadas pela PM. Nessa, os que perderiam o abrigo eram os próprios policiais. Nos primeiros becos não houve nenhuma resistência, pois não existiam pessoas habitando o local. Nesse caso, foram derrubados os muros, as cercas e as pequenas paredes. Tudo era feito muito rápido. Em apenas cinco minutos o trator "atropelava" as construções e deixava o local para que os caminhões carregassem todo o entulho.

A operação prosseguia normalmente quando o comando decidiu desabrigar um beco na QNL 5. No local, uma criança brincava na porta de um barraco com piso de terra batida. Quando viu as pessoas se aproximando de sua casa, correu para os braços de um homem que estava dentro da casa. A esposa de um PM, que não estava no local, Dulcinéia Santana, mãe da menina Estéfane, de 4 anos, saiu indignada com a situação. Segundo ela, o governo prefere os bandidos nos becos aos pais de famílias que invadiram o terreno porque o programa governamental está demorando.

Tudo encaminhava para uma desapropriação tranquila até a aparição de algumas mulheres que fizeram um cordão em frente ao barraco. Encorajada pelas colegas, Santana disse que está ali porque precisa e não para fazer graça. "Se



Pneus em chamas bloqueiam a passagem de pedestres

me tirem daqui, não tenho para onde ir", disse. O apelo de Santana foi ouvido e os policiais recuaram sem derrubar nenhum tijolo.

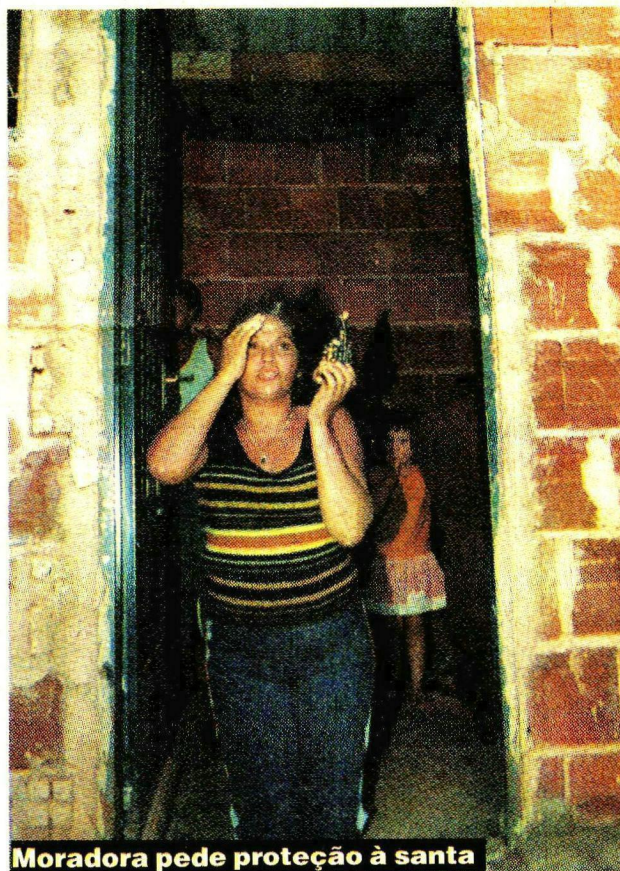
A partir daí, o clima ficou tenso. O carro do major Paulo Guilherme Ferreira Leite, assessor militar do Centro Integrado de Segurança Pública, foi abordado por manifestantes que estavam queimando pneus nas duas vias da Avenida Hélio Prates, próxima ao Cemitério. "Eles nos abordaram e diziam que capotariam o carro e o queimariam por conta da operação", disse o major da PM. No entanto, o maior constrangimento foi o confronto com colegas da corporação. "Na PM aprendi que policial não deve confrontar policial. Alguns amigos da própria PM nos ajudaram a contornar essa situação", conta Ferreira.

Daí para frente, onde a operação chegava era abordada por mulheres, crianças e moradores que faziam manifestações contra a desapropriação dos becos. O momento mais tenso do dia aconteceu no instante em que tentaram desapropriar um

beco na QNJ 42. No local, os portões em ferro puro já esperavam a hora de serem assentados no muro. Quando o trator se posicionou para a derrubada do muro, Carmem Regina Carvalho, irmã de um soldado do Corpo de Bombeiros, saiu da casa com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Parece que suas preces foram ouvidas. Moradores da quadra, unidos às mulheres que protestaram o dia inteiro, promoveram o início de um tumulto e os policiais, a exemplo do que aconteceu com Santana, recuaram e saíram para o fim da operação.

Na avaliação do gerente de operações do Siv-solo, major Oliveira, a operação foi um sucesso. Dos 167 becos visitados, 33 foram desapropriados. Na segunda-feira, as casas que não foram derrubadas serão visitadas novamente. Nesse dia, a operação terá início às 8h30 e deve contar com novidades na estratégia do comando, mantidas em sigilo.

(Leia mais na Página B-3)



Moradora pede proteção à santa

Fotos: Joel Rodrigues